

DA PROPOSIÇÃO À PRÁXIS INCLUSIVA: APORTES DAS OFICINAS DE LIBRAS PARA ENSINO FUNDAMENTAL

João Pedro da Silva Souza (1); Orientador: Jânio Alexandre de Araújo (2)

(1) Centro Universitário Maurício de Nassau - pedrogomes168@hotmail.com; (2) Programa de pós-graduação em Educação/UFRN – janioaraujori@gmail.com.

Resumo: O presente estudo tem como centro de interesse refletir a relevância na elaboração de oficinas inclusivas de Libras para os anos iniciais do Ensino fundamental. O tipo de pesquisa eleito para o presente trabalho foi o exploratório, sendo que a pesquisa foi aplicada em uma turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola privada do “sistema S”, localizada na cidade de Natal/RN. A turma possui 26 crianças, sendo que uma delas é surda. Por fim, o resultado mostra que a aquisição de uma língua nessa fase inicial tem boa aceitação e adesão, sendo que as crianças na descoberta do mundo, pode se interessar mais por aprendizagens mais inovadoras, sendo que caminhos mediados por uma cultura educacional endossam essas descobertas. As oficinas inclusivas contribuem não somente para essa aquisição, mas para garantir a inclusão e sugerir novos métodos de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Inclusão; Libras; Ensino fundamental.

1. INTRODUÇÃO

Pensar em uma educação na contemporaneidade é refletir sobre a atual conjuntura política e social a qual estamos envolvidos, de certo modo também observarmos que ao passo que as garantias são impulsionadas pelos movimentos sociais e as minorias, várias normativas e demandas sociais estão cada vez mais em vislumbre.

Então, é por esses outros motivos que se deparamos quanto educadores com a questão da educação inclusiva, que na sociedade atual, em suma são inquietações e intensificação das responsabilidades da escola e da sociedade diante dos sujeitos que exigem equidade tanto nos contextos diversos da vida como nas suas subjetividades.

Um primeiro diálogo que podemos apontar, é que a Língua brasileira de sinais quanto disciplina obrigatória na licenciatura, está na percepção linguística ao longo das nossas trajetórias, fixada como a única ou a mais próxima de aquisição, já que até então não era

comum falarmos no processo de inclusão, sendo que a comunicação alternativa se aplica principalmente aos processos comuns de sala de aula, que a cada dia vem com uma força significativa, contudo é impressionante o desconhecimento dessa língua, mesmo com as normativas e dinâmicas sociais já em evidência.

Outro diálogo forte que envolve a educação inclusiva e a inserção da LIBRAS é como práticas do processo de inclusão se interligam com as aproximações entre educação especial e educação inclusiva, principalmente quando tratamos de atitudes, possibilidades e adaptações que a escola e seus profissionais devem fazer, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental, pois é nessa fase que a alfabetização e letramento tem maior contato tanto em termos curriculares como cognitivos da criança.

Além disso, a lei nº10.436/02 e o decreto 5.626/05, regulamentam a Língua Brasileira de Sinais como a língua oficial da pessoa surda, que em síntese normatiza as questões de lutas políticas e sociais da comunidade surda, dispõe também sobre a inclusão na Libras como disciplina nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia, bem como a formação de professores e interpretes para o desenvolvimento do aluno. Assim discorre o artigo 23 do decreto:

As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação. (BRASIL, 2005)

É inquestionável que grande parte dos educadores emprega como metodologia a exposição oral e usam como recurso o quadro de giz ou a lousa. Da mesma forma, as situações de interação entre professores e alunos são realizadas apenas pela linguagem oral, desconsiderando as limitações e o pouco conhecimento do surdo em relação a essa forma de comunicação. E muitas vezes, a criança surda por não ser compreendida ignora os objetivos propostos por simplesmente não compreender a mensagem vinculada naquele contexto.

Pensando nisso, a relevância do estudo apresentada no presente estudo é elaborar espaços férteis de aprendizagem, instigando o educando e o educador a buscar soluções reflexivas e eficazes para a inclusão, sendo que são nos anos iniciais do ensino fundamental que a fixação das habilidades da linguagem vislumbra maior alcance pelas crianças e seus contextos. Reforçando a essa argumentação, (VIGOTSKY ,2011) diz que a linguagem e sua construção é importante na área o desenvolvimento intelectual dos sujeitos, trazendo em si a

complexidade nas resoluções, sucessos e fracassos do pensamento.

Outro fator da escolha do tema, foi a presença de um educando surdo no 2º ano da escola, que como alternativa de inserção no processo escolar, oferecemos apoios variados, tanto para sua própria aprendizagem como dos seus colegas e até mesmo dos familiares, visto que a criança surda aprendeu poucos sinais das Libras, tendo raso estímulo no seio social. Além disso, a escola não dispõe de um intérprete, já que a criança precisa antes aprender a Libras com um professor da L1 dele.

Nesse estudo lançamo-nos ao desafio de problematizar, como oficinas inclusivas poderão oportunizar a aquisição inicial de LIBRAS na práxis dos anos iniciais do ensino fundamental?

Por fim, avistamos que falar de inclusão no processo educacional é também traduzir conceitos e se debruçamos sobre a questão da segregação e da exclusão que ainda é forte nos espaços escolares, sendo de acordo com Veiganeto (2011), critérios de normalidade e anormalidade, eufemismos para classificações no plano social do que nomeamos deficiências e tornar a dicotomia inclusão e exclusão faces diferentes de uma mesma, não edifica a questão da diferença, muito pelo contrário, reproduz qualquer proposta do hegemônico plano político e cultural.

O presente trabalho vai explorar a elaboração de oficinas inclusivas no contexto da LIBRAS nos anos iniciais do ensino fundamental, adotando a visão sócio-construtivista em resposta a uma demanda significativa de ingresso de crianças surdas no ensino regular.

Os aportes teóricos principais são (ALVES, 2010); (GOÉS, 2000); (MANTOAN, 2006); (QUADROS, 1997); (VIGOTSKY, 1997) entre outros, além de documentos governamentais educacionais, que interligam o objetivo geral do trabalho.

3. METODOLOGIA

O passeio metodológico de um trabalho edifica a pesquisa apresentando meios mais científicos para alcançar os objetivos propostos, desse modo a eleição dos melhores caminhos da metodologia é imprescindível a busca dos conhecimentos sistematizados. Corroborando, Trujillo Ferrari (1974), diz que a metodologia científica é mote um característico da ciência, estabelecendo como um instrumento basilar que dispõe primordialmente, o pensamento em sistemas e norteia os procedimentos do pesquisador para o esclarecimento de algo.

O tipo de pesquisa eleito para o presente trabalho foi o exploratório, tendo vista que segundo (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.144) “Nas pesquisas desse tipo, o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade ou do grupo que são significativos para alcançar os objetivos pretendidos.” Então acreditamos que a exploração científica envolve situações observáveis em sala de aula, como as relações humanas, a reposta da aprendizagem no momento da aplicação da pesquisa e até discursos que tecem uma perceptiva de respeito as diferenças.

A pesquisa foi aplicada em uma turma do 2º ano do ensino fundamental de uma escola privada do “sistema S”, localizada na cidade de Natal/RN. A turma possui 26 crianças, sendo que uma delas é surda.

Conforme (PRODANOV;FREITAS, p 102):

“Definidos as fontes de dados e o tipo de pesquisa, devemos abordar as técnicas de pesquisas e a coleta de dados. Normalmente, fazemos uma pesquisa bibliográfica prévia, de acordo com a natureza da pesquisa, passando, em seguida, aos detalhes desta, determinando as técnicas a serem utilizadas na coleta de dados, a fonte da amostragem, que deverá ser significativa, isto é, representativa e suficiente para apoiar conclusões, além das técnicas de registro desses dados e as de análise posterior”.

Desse modo elegemos os instrumentos que visem a investigação dos documentos, como livros na área da educação inclusiva, aparatos normativos e documentos da escola, exemplo, proposta pedagógica, o Plano Político Pedagógico entre outros.

Foram aplicadas cinco oficinas, sendo que ao final tivemos uma culminância no intuito de apresentar às outras turmas da escola a importância do trabalho. No próximo item especificaremos tais oficinas inclusivas.

4. RESULTADOS E DISCURSÕES

Oficinas inclusivas movimentam a escola, tiram a criança de mero expectador para protagonista, integrando a uma lógica de pedagogia viva e ativa. Nas contribuições de Fernandes (2006), ao relacionarmos com o sujeito surdo, devemos nos reportar que a perda auditiva é somente um fator de sua subjetividade. Há vários outros que só serão conhecidos se nos dermos a oportunidade de enxergá-la como um ser global. Dessa forma o surdo se sente pertencente não somente do mundo escolar, mas de todo um contexto que o estimula a

conhecê-lo e desenvolver habilidades que nas suas limitações podem torná-lo uma criança rica em interpretações do seu espaço. Como já foi supracitado na metodologia, realizamos cinco e uma culminância, então para sintetizar nossos resultados e discussão, abaixo um quadro explicativo das atividades, bem como seus resultados esperados.

Atividade	Descrição	Resultado esperado
OFICINA 1	Apresentação da proposta das oficinas. Será realizado uma introdução do que é Libras, revendo seus conhecimentos trazidos do mundo afora e refletindo sobre as ações de inclusão e respeito às diferenças. Quanto conteúdo será apresentado as saudações, o nome e algumas expressões usuais no espaço escolar. “posso ir ao banheiro?”, “Vamos para o recreio” etc.	Espera-se que as crianças possam perceber que existe outra língua diferente da que elas quanto ouvintes estão usando e uma língua visual a qual o aluno surdo precisará usar, além disso a oficina vai despertar o interesse pela cultura da inclusão.
OFICINA 2	Será apresentado às crianças a história “O sorriso de Júlia”, que trata de uma menina que se descobre surda. Será feito uma roda de conversas com as questões levantadas pelos alunos, bem como responder algumas dúvidas.	As crianças devem perceber que o surdo não é reduzido em sua deficiência, mas que é um sujeito que precisa se comunicar com mundo. Como a leitura é da literatura infantil, a identificação será bem forte com os personagens.
OFICINA 3	Apresentação da música “Eu me lembro” de Clarisse Falcão e ensaio dela para a culminância	A música apresenta muitos sinais interessantes e em conformidade com o grau de instrução das crianças. Além disso os alunos deverão aprender alguns parâmetros básicos para uma comunicação em Libras, exemplo: espaço visual para os sinais, expressão facial adequada entre outros.
OFICINA 4	Ensaio da música “Eu me lembro” de Clarice Falcão, retomando a	Reforçar os sinais e expressões da música. Tentando perceber se os alunos conseguem fazer os sinais, assimilando com o enredo da música

	oficina anterior.	
OFICINA 5	Ensaio da música “Eu me lembro” de Clarice Falcão, retomando a oficina anterior. Preparativos para a culminância, convidando a equipe gestora e demais membros da comunidade escolar.	Reforçar os sinais e expressões da música. Tentando perceber se os alunos conseguem fazer os sinais, assimilando com o enredo da música. Passar de sala em sala convidando os outros colegas para a culminância.
CULMINÂNCIA	Apresentação do projeto para a comunidade escolar e apresentação da música da oficina.	Espera-se que os alunos possam se expressar publicamente em Libras, usando os sinais basilares para uma boa comunicação, bem como incentivar o aluno surdo a aprender Libras.

FONTE: Elaborado pelo autor.

As oficinas quanto resultado alcançados, podemos esclarecer que resultou efeitos positivos quanto o respeito e a valorização da diferença, as crianças se sentiram envolvidas diante de uma nova língua e da sistematização das oficinas. Em alguns momentos outras dúvidas erram mostradas e respondidas, como: “professor, então não existe mudo?”, “A Libras é usada por todos os surdos?”. Ou então como se fala tais palavras em Libras. Nessas situações também é que era oportunizada a cultura da inclusão. A culminância mostrou a todos presentes que é possível aprender Libras e inseri-la na escola de forma educativa e adequada para a faixa etária das crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respeito a diferença ainda precisa ser melhor inserido nos espaços escolares e apresentado como ferramenta essencial naquilo que chamamos de processo de aprendizagem, desse modo o sujeito surdo ainda é sumarizado pela sua patologia e não pela sua identidade e interação com o mundo.

O estudo despontou como alternativas educacionais, especificamente as oficinas de cunho inclusivo despertam novos olhares para a ampliação de momentos educativos no espaço escolar, espaço esse que merece dos educadores uma leitura reflexiva, que apesar de isso ser obvio, ainda encontramos resistência e despreparos. As oficinas mostraram o quanto é

significante, apesar de árduo buscarmos novos caminhos para inserção de sujeitos em classes comuns, obviamente sem causar aqueles espantos ou desconfortos que o processo insiste em realizar em detrimento unicamente de uma normativa.

As crianças perceberam que as diferenças podem ser respeitadas de forma natural, das quais obras literárias podem ajudar no entendimento do respeito ao diferente, muitas desses estudantes vislumbram que no futuro, ou seja, em outras etapas do processo educacional vão se deparar com colegas que tem deficiência e por esse modo precisam de ferramentas e ações diferenciadas, a inserção da Libras para uns pode não ser uma constante, mas outras questões provavelmente eles se depararão. Então, trabalhar inclusão de maneira aplicada ao ensino fundamental é também trabalhar com todos e de maneira planejada, já que segundo as linhas anteriores do trabalho é nessa fase que as percepções de mundo são mais aguçadas.

Outro ponto que à guisa de é que não podemos falar de inclusão e essencialmente a aquisição da Libras, sem falarmos em investimentos na formação de professores, pois mediadores de aprendizagens necessitam ser profissionalmente agente de inclusão, já que inclusão não é uma opção nas ações educacionais e sim condição primordial no desenvolvimento de aprendizagens.

Por isso, o confronto de teorias e práticas a luz das teorias existentes para a construção de novas teorias, tornam a práxis educativa cada vez mais qualificada, tendo em vista que as concepções sócio-construtivistas e isso só se concretiza nas posições de ações pedagogicamente ativas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edneia de Oliveira Língua Brasileira de Sinais (Libras): **noções básicas sobre a sua estrutura e a sua relação com a comunidade surda**, Teresina: EDUFPI/UAPI, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001, institui as **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: CNE/CEB, 2001a

BRASIL. **Decreto nº 5.623 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: MEC, 2005

_____. **Atendimento Educacional Especializado**. Pessoa com Surdez. Brasília: M, MSEE/SEED/MEC, 2007

CAMPOS, S. R. L. de. **A representação social de professores surdos sobre o ensino de línguas e língua portuguesa no ensino fundamental I**. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2017.

FERNANDES, S. **Bons Sinais**. Revista Discutindo Língua Portuguesa. São Paulo: Escala Editorial, v 1, n. 4, p. 22-25, 2006.

_____. **Educação de surdos**. Ed 2. Curitiba: Ibepex, 2011.

KLEINA, C. **Tecnologia Assistiva em educação especial e educação Inclusiva**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

GÓES, M.C.R de (org). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000

KOSÍK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MANTOAN, Ma. Teresa Egler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006

MELLO, M.T. Inovação na Educação Superior. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v.8,n.14,p.197-202,set.2002-fev.2004

PAIN, M. **Direito a diferença**. Curitiba: Ibepex, 2008.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2013.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre: 1997

SILVA, M. A da. **Educação especial e inclusão escolar**. Curitiba: Editora Intersaberes. 2012.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VEIGANETO, Alfredo, *Incluir para excluir*. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Disponível em: <http://www.lite.fae.unicamp.br/cursos/nt/ta5.5.htm> acesso em 10 jun. 2012 VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

(1) Centro Universitário Maurício de Nassau - pedrogomes168@hotmail.com; (2)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br